

Doadores manifestam confiança no programa de reconstrução

● Cinco países já anunciaram a disponibilização de um total de 95.5 milhões de dólares

OSVALDO GÊMO, nosso enviado a Roma

REPRESENTANTES da comunidade internacional que tomam parte na conferência de Roma deram ontem um voto de confiança ao programa de reconstrução pós-cheias elaborado pelo Governo moçambicano, e tudo indica para a possibilidade de virem a ser alocados os valores de 450 milhões de dólares norte-americanos solicitados para custear o esforço de reorganizar as actividades económicas e reposição de infra-estruturas destruídas quer pelas cheias, quer pelos ciclones Eline e Hudah. Dando corpo a este voto de confiança, alguns países (cinco) anunciaram já as suas contribuições (atingem 95.5 milhões de dólares) mesmo antes do dia agendado, que é hoje. Falando na cerimónia de abertura do encontro, o Presidente da República, Joaquim Chissano, reafirmou a utilidade e urgência de uma resposta, como forma de não minar o esforço de reanimação da economia que, ao que tudo indica, não vai atingir a taxa de crescimento de oito por cento prevista para o presente ano, em razão das calamidades que se abateram sobre cinco províncias do sul e centro do país.

Os 450 milhões de dólares solicitados, segundo o Presidente da República, "seriam necessários para poder resolver não todos os problemas, mas diminuir a gravidade dos mesmos". Chissano referiu-se particularmente à influência e peso do sector dos transportes no crescimento da economia do país e também à situação de dependência a que a maioria das famílias afectadas poderá estar votada se não se conseguir garantir a distribuição de sementes para as zonas afectadas, sem deixar de lado todas as actividades de desenvolvimento de outras regiões.

"Ficará muito difícil alcançar o crescimento económico que tinha sido previsto para o ano 2000", disse Chissano, dirigindo-se a uma plateia de cerca de 200 delegados representando perto de 27 países e agências de desenvolvimento e ONG's.

Quando esta calamidade chegou, segundo o Chefe do Estado, o nosso país estava desfrutando de um crescimento e a procurar alcançar resultados ainda maiores. Acrescentou que o Governo que

foi eleito tinha acabado de tomar posse e de começar a implementação do plano do quinquénio. "O nosso país começou este milénio com o compromisso de consolidar a paz e democracia e garantir a prosperidade de todas as famílias. E claro que grandes obstáculos fizeram com que o grande crescimento económico ficasse comprometido. A solidariedade que recebemos a nível nacional e internacional encorajou-nos para procurar retomar o trabalho de reconstrução que já tinha sido iniciado", disse o Chefe do Estado.

Para além do programa de reconstrução em si, segundo o Chefe do Estado, há que considerar também a necessidade da criação e reforço dos mecanismos já existentes para poder controlar e prevenir estas calamidades. Descreveu como prioridades a curto prazo a reconstrução das infra-estruturas destruídas que servem fundamentalmente as populações mais afectadas, que são aquelas com poucos recursos. A ideia é providenciar, a curto prazo, Educação, Saúde, abastecimento de água, higiene e reabrir as estradas.

"Todas as ajudas permitirão fazer com que Moçambique volte

à sua normalidade. Poderemos utilizar a capacidade empresarial moçambicana para poder acelerar o ritmo da reconstrução e reabilitação, dar oportunidade às empresas do sector privado moçambicano, reduzindo o impacto do desemprego que se agravou após o desastre. Todos precisam de uma atenção especial para poderem atingir essa recuperação rápida", disse o Presidente da República.

Acrescentou estar esperançado de que a resposta que se conseguir obter a partir desta conferência permita que Moçambique possa esforçar-se sabendo que o seu futuro será melhor. "Estamos certos de que juntos ajudaremos aquela mãe, Sofia, para que possa fazer com que a filha, Rosita, fique feliz e tenha um futuro ainda melhor num Moçambique com possibilidade de maior prosperidade", acrescentou.

Falando na mesma ocasião, o Administrador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e representante do Secretário-Geral das Nações Unidas, Mark Brown, reforçou o apelo lançado pelo Chefe do Estado

chamando atenção para as consequências de não se conseguir a disponibilidade necessária no momento da primeira análise. "Tivemos essa situação em Timor-Leste e no Kosovo e não podemos admitir que a falta duma resposta agrave a situação. Que isso não aconteça aqui", disse, acrescentando que é fundamental que seja indicado com grande precisão quais são as disponibilidades imediatas para poder retomar a vida normal. Um dólar hoje pode valer centenas de dólares amanhã". Mark Brown acrescentou que é preciso reconstruir todas as infra-estruturas para dar um relançamento às actividades que agora estão paradas.

Por seu turno, a Ministra do Plano e Finanças, Luísa Diogo, que apresentou o programa de reconstrução, indicou que o impacto directo da situação que o país vive vai implicar a redução do PIB em dois por cento, se os projectos de reconstrução não permitirem um rápido restabelecimento das actividades económicas. Segundo as previsões avançadas por Luísa Diogo, contrariamente à previsão

de três por cento, a inflação estará situada a níveis até dez por cento (taxa média).

Explicou que o aumento da inflação poderá ter implicações imediatas no aumento da pobreza. "Esperamos voltar à situação normal de Fevereiro com o programa de reconstrução", acrescentou.

O Governo abriu uma conta especial no Banco Mundial, para onde deverão ser canalizadas as ajudas à reconstrução. Situou as necessidades em dois níveis, nomeadamente para atender às necessidades de reconstrução no presente ano (situadas em cerca de 330 milhões de dólares) e o restante para o próximo.

Entretanto, começaram já a ser anunciadas algumas contribuições, como é o caso da Itália (anfitriã) que anunciou 17 milhões de dólares, a Holanda com 45 milhões, Portugal com 18, o Reino Unido com 9.5 milhões e a Noruega com 6 milhões. Estas contribuições foram tomadas públicas nas intervenções dos respectivos representantes, que indicaram o programa de reconstrução do país como sendo inadiável e para o qual dão voto de confiança.

Estas foram apenas algumas contribuições, pois os grandes anúncios deverão ser feitos hoje e há grande optimismo que os números avançados sejam alcançados, segundo disse Leonardo Simão no contacto com a imprensa nacional.

Durante o período da tarde, os participantes ao encontro estiveram reunidos em painéis, nomeadamente na componente infra-estruturas, vulnerabilidade, serviços básicos e sector de negócios e macroeconomia. Estes painéis serviram basicamente para a apresentação das políticas do Governo para cada uma das áreas.

Ainda na manhã de ontem, foi apresentado um vídeo retratando a situação de emergência desde a fase crítica de salvamento até à de assistência humanitária, para além dos principais enfoques das destruições de infra-estruturas. Este vídeo comoveu mesmo aqueles que viveram os episódios no terreno e em si construiu um alerta para a necessidade de contribuição dos doadores para a reconstrução, sob pena de agravamento da situação da pobreza e declínio do crescimento económico.